

CORNÉLIA E A COTOVIA DE CAPACETE

Ilan Brenman

© Luciano Lozano



Resenha

Estamos no ano 58, em Roma, momento em que o Império está sob o controle daquele que talvez tenha sido o mais intempestivo de seus imperadores: o imprevisível Nero. São tempos em que, enquanto o povo romano é apaziguado pela famosa política do *pão e circo*, no Senado, desenrolam-se os bastidores dos jogos de poder, que envolvem uma série de disputas e de traições.

Cornélia, personagem título do conto, é casada com um dos senadores e conhecida por sua língua incansável e seu pendor incorrigível para a fofoca. Certo dia, curiosa para conhecer os segredos do Senado, Cornélia promete ao marido preparar-lhe sua iguaria favorita: língua de rouxinol. Plutarco, o senador, diz à esposa que o senado se encontra alvoroçado por conta de um estranho presságio: um emissário do imperador teria visto uma pomba de capacete segurando uma lança, e não se sabia se esse estranho fenômeno representava, afinal, algo de bom ou de ruim para o Império. Pouco tempo depois, a afoita Cornélia não resiste e revela a história dessa estranha aparição à sua escrava



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Calpúrnia – e não demorará até que toda a cidade esteja em polvorosa, comentando o surgimento desse estranho pequeno animal alado. Mas é somente depois que a notícia causa furor, que Plutarco revela à esposa que o caso não passava de uma história inventada, criada sob medida para testar até que ponto Cornélia seria capaz de guardar um segredo de Estado.

Em *Cornélia e a cotovia de capacete*, Ilan Brenman transporta o leitor para a Roma Antiga para recontar, transfigurada, uma história escrita pelo poeta e historiador Plutarco, em seu livro *Sobre a tagalericice*, obra que, segundo as palavras do próprio Brenman, é um “ensaio sobre os malefícios de falar demais e ouvir de menos”. Quando leu a obra de Plutarco, o autor se surpreendeu, ao reconhecer nesse conto a mesma estrutura e temática de muitos contos da tradição popular e se deu conta de que essa estrutura narrativa “já circulava há quase dois mil anos na Roma Antiga”. A fofoca e o rumor que se espalham rapidamente, propagando notícias que muitas vezes sequer são verdadeiras, ganharam nova relevância com o advento da internet, que se tornou solo fértil para a proliferação de notícias falsas e de memes que rapidamente se tornam “virais”. Tantos séculos depois, é preciso seguir tendo cautela com aquilo que se escuta e aquilo que se diz.



Depoimento

De Luciana Alvarez,
Jornalista e mãe

Abrir um livro com meus filhos é sempre um mergulho no desconhecido. Por mais que eu já conheça a obra – costume ler o livro sozinha antes de chamá-los para me acompanharem –, nunca sei exatamente onde cada história vai nos levar quando nos sentamos para ler juntos. De tantos elementos e referências, o que vai mais lhes chamar atenção e alimentar nossas conversas? Muitas vezes, eles acabam esmiuçando questões que só tangenciam o enredo principal.

Foi assim com a leitura de *Cornélia e a cotovia de capacete*. Um dos pontos mais perturbadores para meus filhos foram os nomes das personagens.

Cornélia, do título, já mereceu várias caretas. Na sequência, foram colecionando os nomes que consideram esquisitos: Plutarco, Calpúrnia, Fúlvio. Ficaram um tempão questionando como esses nomes “absurdos” podiam conviver com nomes “normais”, como Mário e Augusto.

Contribuiu para a confusão na cabecinha deles o fato de que os dois têm nomes com origem no latim: Marcelo e Patrícia. Muito da nossa conversa se deu em torno de quais as possíveis razões para que alguns nomes entrem em extinção, enquanto outros sobrevivam por dois milênios. E quem determina o que é um nome “normal”?

Junto ao assombro pelos nomes, presenciei uma grande inquietação por causa do sistema de governo da época. Embora seja uma obra de ficção, ela foi ambientada em local e tempo bem específicos, que de fato existiram. “Se Nero era um



imperador, a pessoa que dava as ordens em todo o território, qual o sentido de haver um Senado?”, questionou meu filho.

Na escola, ele está estudando sobre reinos da Idade Média, mas ainda não viu nas aulas quase nada sobre a história da Antiguidade Clássica. E eu, do alto dos meus anos de acúmulo de conhecimentos superficiais sobre história, não tinha nenhuma ideia de como responder. Logo depois da leitura do livro, lá fomos nós pesquisar e ler um pouco mais sobre como era a política romana na época do imperador Nero.

Diante dos “absurdos” dos nomes e do sistema de governo, meus filhos nem desconfiaram do absurdo da história da cotovia com capacete e lança! Além disso, no decorrer das páginas, viram tantas coisas diferentes, de pessoas vestindo toga a casas com fontes e escravos, que nada mais lhes pareceu fora do lugar. Se os romanos comiam língua

de rouxinol, uma cotovia de capacete não é algo assim tão estranho. Tem vezes que a realidade é que parece ficção. Assim, caíram direitinho na mentira de Plutarco e ficaram surpresos com o desfecho – igualzinho a Cornélia.

Após tanta discussão sobre certos “detalhes” da obra, mal comentaram sobre a lição de moral que Plutarco deu à esposa. Acharam o final divertido e ponto. Nenhuma crítica à fofocadeira, nenhum elogio à esperteza do marido. Fiquei me perguntando: será que eles entenderam a lição sobre a fofoca? Será que eu deveria reforçar para eles os perigos de falar sobre o que não lhes diz respeito?

Bem, meus filhos e seus amigos não são muito dados a segredos (tampouco os adultos que os cercam). Sem segredos, não têm muito espaço para fazer ou ouvir fofocas sobre vidas alheias. Portanto, esse tema teve pouco apelo para eles. Se a própria Cornélia, que pensou que seria expulsa

de Roma por uma tagarelice, continuou falando da vida dos outros, tudo bem se eles não aprenderam a lição “principal” do enredo. De um livro tão rico, tão detalhado e instigador, não sou eu quem dita o que é mais importante. Cornélia continuou falando, mas eu consegui ficar quieta.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.bibliotecailanbrenman>.



Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *A sabedoria do califa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cavalo de Troia, a origem*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O alvo*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O homem dos figos*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que a terra está falando?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *O rei Davi, o príncipe Salomão e o ovo cozido*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O vaqueiro que nunca mentia, um conto popular brasileiro*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Jóty, o tamanduá*, de Vângri Kaingáng e Maurício Negro. São Paulo: Global.
- ✦ *Xangô, o trovão*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *A mentira cabeluda*, de Pedro Bandeira. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Uma mentira grande como um elefante*, de Thierry Robberecht e Estelle Meens. São Paulo: Salamandra.

